

É PRECISO OLHAR PARA ONDE A CRIANÇA OLHA! UMA CONVERSA COM ANA ANGÉLICA ALBANO SOBRE ARTE, PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

*YOU HAVE TO LOOK WHERE THE CHILD IS LOOKING!
A CONVERSATION WITH ANA ANGÉLICA ALBANO ABOUT ART, PEDAGOGY, TEACHER
TRAINING, AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION*

 <https://orcid.org/0000-0001-9478-9599> Graziela Ferreira de Mello ^A
 <https://orcid.org/0000-0001-9090-4633> Rosvita Kolb Bernardes ^B

^A Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ e SEEDUC-RJ, São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Recebido em: 06 out. 2025 | **Aceito em:** 29 out. 2025

Correspondência: Graziela Ferreira de Mello (mellograziela@id.uff.br)

Resumo

O texto apresentado é resultado de uma conversa com a artista e educadora Ana Angélica Albano sobre seu percurso como professora tanto na Educação Básica quanto na Universidade. Ao refletir sobre o vivido, Ana Angélica coloca luz sobre suas memórias, as revisita e traz à superfície algumas temáticas sobre a importância da arte na formação dos professores que ainda se mostram atuais e carentes de reflexão. Ana Angélica nos provoca a pensar a educação e a formação dos educadores das infâncias a partir do seguinte ponto: Olhar para onde a criança olha! Uma professora inspiradora para quem pretende trabalhar com a arte na educação infantil.

Palavras-chave: arte e pedagogia; formação docente; educação infantil.

Abstract

This text is the result of a conversation with artist and educator Ana Angélica Albano about her career as a teacher in both primary education and at university. Reflecting on her experiences, Ana Angélica sheds light on her memories, revisits them, and brings to the surface some themes about the importance of art in teacher training that, even after several years, are still relevant and worthy of reflection. Ana Angélica challenges us to think about the education and training of early childhood educators from the perspective of: Look where the child looks! An inspiring teacher for anyone who wants to work with art in early childhood education.

Keywords: art and pedagogy; teacher training; early childhood education.

Era uma bela manhã de sábado. Agosto de 2025. Na pauta, uma proposta de encontro sobre arte, pedagogia, formação docente e educação infantil. As participantes, residindo em territórios geográficos distintos — São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro — suspenderam as distâncias, valendo-se do recurso das janelas virtuais. Via plataforma digital, o sábado testemunhou uma intensa e agradável conversação entre três mulheres que possuíam em comum a Arte como campo de formação acadêmica e atuação profissional, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Uma singularidade movia o encontro: a presença de Ana Angélica Albano, uma artista-professora que figura entre as pioneiras na atuação como professora de Arte na área de Educação no Brasil e que aceitou conceder uma entrevista para duas professoras de Arte, uma que atua na Educação Básica estadual e cursa doutorado em Educação, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, e outra que atua no Ensino Superior, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Poder ouvir Ana Angélica, ou Nana, como gosta de ser chamada, é algo muito especial, por se tratar, também, de uma excelente oportunidade de aprendizado. Estar com ela, em uma conversa fluida e generosa, sobre temas que nos afetam, adentrando veredas das memórias, permite-nos amplificar compreensões sobre arte e pedagogia, vivificadas pela experiência da artista-professora-pesquisadora. À escuta e à interlocução com Nana, o tempo passa sem que nós sintamos, imersas que ficamos em sua fala, em suas histórias, em seus ensinamentos. A conversa é quase uma aula particular, de tanto que abre nossas mentes e nos provoca a pensar e a sentir em outras direções. Acompanhar sua narrativa-testemunho, oferecida também como reflexões sobre a vida, que não é apartada de sua atuação com a Arte, com a Educação e com a formação continuada de educadores/as da primeira infância, é um privilégio e um momento memorável para nós, justo pelo deslocamento que nos provoca a tantas outras aprendizagens.

Já conhecíamos sua produção acadêmica, como artigos, publicados em revistas e eventos nacionais e internacionais, como também seus livros: *O espaço do desenho: a educação do educador*, resultado de sua dissertação de mestrado, publicado inicialmente em 1984, e que está em sua 16ª edição; *Tuneu, Tarsila e outros mestres... O aprendizado da arte como um rito de iniciação*, publicado em 1998, decorrente de sua tese de doutorado; e *Conversas com jovens professores de arte*, lançado em 2018, narrativa em primeira pessoa, que descortina seu percurso de vida-formação-profissão, apresentado como memorial para a livre-docência na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Todavia, a oportunidade de “estar na aura” da autora, imersa em uma conversa instigante pelas questões que ela articula, amplifica

em muito o conhecimento dado em suas publicações: chamando-nos às suas histórias, ela nos inspira e nos mobiliza a seguir tecendo pelos caminhos da Arte e da Pedagogia.

Ana Angélica é professora aposentada da Faculdade de Educação da Unicamp, há alguns anos. No entanto, faz-se devido destacar que ela é a avó da Ana e do Lucas, e essa condição traz para a conversa um sabor especial: ao entrelaçar narrativas de sua prática docente com memórias de momentos vividos com seus netos, Ana Angélica revela um olhar atento à poesia e aos ensinamentos das crianças e dos jovens.

Graziela Ferreira de Mello e Rosvita Kolb Bernardes: Bom dia, Nana. Podemos te chamar assim? Nós já conhecemos você, não só pelas suas produções, que nos acompanham no ensino e na pesquisa, mas também por sua significativa presença e contribuição ao nosso círculo de pesquisa FIAR¹. É um prazer estar nessa conversa e desde já agradecemos a gentileza de nos receber pelas janelas virtuais. Neste começo de conversa, gostaríamos que você falasse um pouco sobre sua formação.

Ana Angélica Albano: Bom dia! Sim, podem me chamar de Nana. Então, eu sou licenciada em desenho e plástica pela FAAP, no tempo que ainda a licenciatura era de desenho e plástica. Não existe mais essa nomenclatura. Depois, eu fiz o mestrado e doutorado em Psicologia, na USP e uma especialização em cinesiologia. A única coisa que eu não tenho no meu currículo é a Pedagogia. E eu fui parar na faculdade de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Unicamp para ensinar uma coisa que não se ensina! Foi um desafio muito interessante para mim, porque o meu início profissional foi dando aulas para crianças. E eu comecei com a coragem da ignorância com uma escolinha de arte. Eu tinha 19 anos!

Depois que eu me formei, comecei a dar aulas no ensino fundamental I e II, e logo depois comecei a dar aulas na Pinacoteca do Estado de São Paulo, para professores. Foi nesse tempo que fui convidada para dirigir uma escola municipal de iniciação artística que tem aqui em São Paulo. Fui a primeira diretora. Era uma escola de Arte da prefeitura da cidade de São Paulo (Escola Municipal de Iniciação Artística), que nasceu da Escola Municipal de Música. Tinha aula de musicalização, expressão, instrumento. E eu perguntava, mas o que é aula de expressão? A música não é expressão? Eu trabalhei durante seis anos nesta escola de iniciação artística na cidade de São Paulo, que oferecia aulas de teatro, artes visuais, música e dança para crianças de 5 até 12 anos.

Nos anos 1990, o mesmo tipo de escola de iniciação artística estava nascendo na Prefeitura de Santo André. E depois em Diadema, que é uma cidade em São Paulo bem

industrial. Lá não eram escolas, mas centros culturais. Foram criados dez centros culturais, com aulas em todas as linguagens: arte, desenho, pintura, cerâmica, canto coral, flauta e dança. Depois desta experiência, e antes de seguir para a Unicamp, ainda fui coordenadora de arte em uma escola regular em São Paulo.

Graziela e Rosvita: Como foi chegar na Unicamp com toda essa bagagem? Foi tranquilo se inserir no ambiente acadêmico?

Ana Angélica: Cheguei na Unicamp, com todas essas vivências: primeiro, a experiência de sala de aula na educação básica, depois a experiência de centros culturais, que é muito diferente de quem estudou, fez graduação, mestrado e doutorado na Unicamp, e vai dar aula na Unicamp. Eu não tinha passado pela Unicamp e nem tinha passado pela Faculdade de Educação. Eu levei para a Unicamp minha experiência como professora de artes visuais na educação básica, com crianças e adolescentes tanto no ensino formal como no não formal, e como gestora, coordenadora e formadora de professores e artistas em espaços culturais. Considero que essa condição do vivido me fez olhar para o objeto do meu trabalho de maneira muito diferente. Ao ingressar na Unicamp, isso foi nos anos de 1997, assumi as disciplinas de Didática e de Estágio Supervisionado de Educação Artística, no antigo Departamento de Metodologia de Ensino. Desde o primeiro dia em que entrei na sala de aula, percebi que estava no meu ambiente. Ali tudo me parecia familiar.

Graziela e Rosvita: Ouvir essa sua história, Nana, nos provoca a refletir que o fato de não ter passado por uma Faculdade de Educação, de ter cursado Arte e de reconhecer na sua formação a Arte como uma área do conhecimento, possibilitou outras formas de pensar a Arte e, particularmente, de pensá-la na relação com a educação...

Ana Angélica: A minha questão é não pedagogizar a arte, não transformar a arte num conjunto de regras, uma sequência didática. A primeira pergunta que fazia, na aula de didática, era: O que é arte para você? Porque dependendo de como você encara, como você entende, como você vivencia a arte, a sua didática vai ser essa. A partir dessa pergunta, tentava entender em que lugar o aluno estava. Para minha surpresa, muitos chegavam na disciplina de Didática, mais ou menos, no terceiro ano do curso e revelavam que nunca tinham ido a um museu. E uma das coisas que sempre me marcou muito é que a gente se depara com muitos professores de Arte que não pintam, que não desenhavam, que não dançam, mas são professores de Educação Artística. E eu, quando comecei a dar minhas aulas no Ensino Fundamental, foi junto com um

professor de música. Como dar aula de música se o professor não faz música? Não existe isso na música, mas nas artes visuais existe! E aí eu falei assim: “Ué, mas onde tá o meu desenho?”. E foi aí que eu considero que eu comecei a desenhar, a ter o meu desenho. A partir dessa constatação — onde está a minha produção artística —, eu acho, é que começa a nossa questão didática. É pelo fazer!

Graziela e Rosvita: Nessa mesma direção, você pondera, em seu livro “O espaço do desenho”, que um professor que não desenha, leva a criança à cópia. E então, uma inquietação: qual o lugar da arte na Educação Infantil?

Ana Angélica: Ao pensar na Educação Infantil, eu sempre gosto de uma imagem. Quando você dá o desenho pronto — que antes era mimeografado, agora é xerocado ou impresso — para a criança colorir, você está dizendo a ela: “O que você pensa não é importante”. E aí, mais tarde, quando vai produzir um texto escolar, recorta e cola citação (na universidade é um fenômeno conhecido, não?), põe uma frase no meio e junta como se fosse seu: onde está o sujeito-autor? Mas começou lá com o primeiro desenho pronto para colorir. Lá o sujeito ouviu “o que você pensa não interessa”. Agora, o que está na origem do ato criador é a necessidade de falar, de trazer ao mundo o que não existia. Hoje, eu li uma coisa linda também, eu acho que era do Ferreira Gullar, que falou assim: “Existem muitas noites estreladas, mas só existe uma que é do Van Gogh. Ele trouxe uma que não existia. Essa é a função da arte”. Então, para que começar com a criança a partir do que existe? Você tem que começar do que não existe! O que eu acho mais complicado, é pensar: quantos anos a gente está nessa área pesquisando, publicando, fazendo formação? E mudou muito pouco a prática.

Graziela e Rosvita: O que poderia dizer sobre as propostas, tão comuns hoje em dia, do ateliê na educação infantil? É necessário existir um espaço específico, aos moldes do ateliê, para que haja um trabalho voltado para a criação, para a arte?

Ana Angélica: No meu tempo de infância, a gente tinha quintal, um tanque de areia, que era o melhor ateliê. Tem ateliê melhor que o tanque de areia? Quando eu comecei a incentivar na escola, no meu tempo de coordenadora, o tanque de areia, uma mãe veio me perguntar: “Nossa, mas o que que acontece com o tanque de areia do período integral?”. Falei: “É o mesmo tanque de areia. É o mesmo”. Só que a gente deu espaço para ser um espaço criativo. A educação ficou tão asséptica. Não pode sujar, não pode isso, não pode aquilo. Aquilo que acontecia no quintal, se transforma em sequência didática. Só que não entendem que a

educação infantil entrou no lugar do quintal, que não existe mais. Mas ao invés de deixar que esse quintal fale, criam sequências didáticas. Anna Marie Holmⁱⁱ dizia que qualquer coisa pode ser material expressivo e que qualquer lugar pode ser um lugar expressivo, desde que você crie condições. Os japoneses não fazem aquele origami mínimo em espaço nenhum? Depende do que você quer. Quando a gente pensa que o Paul Klee tinha na mesa da cozinha uma gaveta e ele fez o que ele fez!

Meus alunos de estágio iam observar o espaço físico na escola. Lembro quando um aluno observou e percebeu, na escola em que faria o estágio, que no pátio tinha um refeitório com mesas grandes. Ele pensou: “É aí que eu vou fazer a atividade!”. Um outro aluno escreveu no seu relatório final que a professora de artes dava aula na sala de aula e nas últimas semanas ela pediu para ele pegar o material numa outra sala. Quando ele abriu a outra sala, era um ateliê que tinha mesa, tinha material, tinha tudo! Mas porque ela não trabalhava naquela sala-ateliê? Dava muito mais trabalho dar aula ali. Então, voltamos novamente ao mesmo ponto: o que você quer fazer, o que você quer com a sua aula?

Graziela e Rosvita: E era uma professora de arte, imagina! Isso nos leva a pensar nos professores-pedagogos e sua relação com a arte na prática com as infâncias. Poderia falar sobre a arte na formação docente para a Educação Infantil?

Ana Angélica: Eu acho que o mais importante na formação em Pedagogia e na Educação Infantil é levar o professor a entender que arte não é uma atividade com sequência didática, mas é uma experiência, e que o professor precisa provocar tempos e espaços para a experiência da criança. É preciso entender que a arte existe. Eu adoro quando Ferreira Gullar fala: “Arte existe porque a vida não basta”. Você tem que sentir que falta alguma coisa para ir em busca e criar. E a criança tem isso naturalmente, porque ela “tá” o tempo todo fazendo isso, buscando, inventando, indo atrás.

Lembro que contei, em um dos encontros com o FIAR, que, quando eu tinha 19 anos, fui ao Rio de Janeiro para conhecer o Augusto Rodrigues, criador da Escolinha de Arte do Brasil. Minha tia descobriu o endereço, ligou, marcou e eu fui. E ele contou uma história que eu acho linda, que ele chegou para o Gustavo Capanema, que era o ministro da educação — aliás, tem um filme lindíssimo que eu assisti recentemente: “Quando o Brasil era Moderno”ⁱⁱⁱ. Augusto Rodrigues chegou para o Gustavo Capanema e propôs fazer uma escolinha de arte e o ministro virou para ele e disse assim: “Augusto, mas não tem bom senso nenhum nessa sua

ideia”. Aí ele respondeu: “*E o senhor já viu bom senso fazer alguma coisa? Eu acho que a gente é fruto da falta de bom senso*”.

Graziela e Rosvita: Outra inquietação, no caminho da reflexão sobre as relações entre Arte e Pedagogia: precisa de um professor especialista em Arte na educação infantil ou de um atelierista para garantir o trabalho com as linguagens artísticas? E na formação docente?

Ana Angélica: Bom, Mário de Andrade já dizia que arte não se ensina. Penso que olhar imagens é algo que pode ser aprendido. Mas nada está no nível do ensino na educação infantil. Reconheço a arte como linguagem, como forma de representação e expressão. É uma forma de comunicação. Acho que a primeira questão do pedagogo que vai trabalhar na educação infantil é resgatar as suas experiências estéticas da infância. Às vezes, eu provocava as professoras assim: “Você lembra de alguma coisa quando você estava brincando?”. Aquela coisa que você faz, naquela hora que você está inteiro na brincadeira, quem estava do seu lado, onde você estava, que cheiro tinha? A maior parte, quase 100%, do que contavam, não falavam de experiências na/da escola. Então, eu acho que a primeira coisa que a gente tem que pensar na arte, na pedagogia, na educação infantil, é levar esse professor a ter uma experiência estética. É só na hora que você sabe o que é o prazer de pintar, o que é o prazer de apreciar, que você vai trazer isso para a sua vivência como professora. A Luciana Ostetto tem um texto bonito em que ela conta de uma figura, acho que era do Clóvis Graciano, que falou com ela^{iv}. E é assim, quando você tem aquela experiência, diante da obra, em uma exposição, por exemplo, é que você entende se isso, a arte, faz parte ou não da vida, e para que serve, na vida e na educação. E, vamos combinar, não serve para nada! E por que não serve para nada? Não tem uma utilidade. Quer dizer: a utilidade da arte é te ajudar a saber quem você é e como você está no mundo.

Olha, conversando com vocês, eu vejo aqui a Val, que trabalha comigo há 20 anos. E me lembro o que ela fazia com os meus netos, porque ela viveu num quintal, vamos dizer assim, num sítio. Ela fazia os bonequinhos com chuchu, com manga. Quer dizer, era atelierista.

Quando eu trabalhei como coordenadora na educação infantil, eu não queria um professor especialista, eu queria trabalhar com todas as professoras, porque se não tiver inquietações na professora, não acontece nada. O atelierista vai uma vez por semana... e os outros dias têm os desenhos para colorir. Eu acho que a revolução é mais embaixo, é mais na base. Por exemplo, meu genro, o pai da minha neta, é cientista. Ele fazia um monte de coisas

com a Ana. Um dia a gente viu no quintal uma coisa que eu falava: é uma pedra; ela falava: é uma semente. É uma pedra, é uma semente. Aí ela olhou para mim, devia ter três anos, talvez quatro: “Vamos enterrar, se for uma semente... vai brotar!”. Isso é um pensamento científico. Então, quem vai trabalhar com o pensamento científico na primeira infância tem que ter o pensamento científico. Tudo que a gente não pode fazer na educação infantil é “ensinar”, temos que desafiar o pensamento, fazer pensar. Então é a mesma coisa. Se você vai ter um cientista na educação infantil, a única coisa que não pode acontecer é achar que é mais fácil. Porque não é. Para você pegar as coisas pela raiz, tem que ser quem sabe a raiz, quem conhece a raiz.

Então, qual seria o foco de uma educação do professor de Educação Infantil, que também vai trabalhar com arte? Ele vai trabalhar com as linguagens e não tem que ser um professor de português, ele também vai trabalhar com os números e não tem que ser um matemático. Mas ele precisa ter a experiência e a disponibilidade para viver e compartilhar isso. Então, o professor de educação infantil não precisa ser um artista, não precisa ser um matemático, não precisa ser um literato, mas ele tem que ter disponibilidade para a experiência nesses campos. Porque o problema, quando eu falo de pedagogizar, é tornar tudo como um método. Eu acho que um desserviço que aconteceu na área de arte foi esse, como eu posso dizer, considerar que só seria levada a sério se tivesse um status como das outras áreas e seus métodos. E a disponibilidade para se entregar para a experiência? É zero? Eu acho que a gente sempre tem que voltar ao Augusto Rodrigues, pois a intenção dele era abrir a possibilidade para a experiência. Em um texto dele, que eu acho lindo, ele conta que viu uma exposição e todos os desenhos eram mais ou menos iguais e ele perguntou para uma criança: “Qual é o seu?” E a criança ficou confusa, não achava, mas depois falou: “É esse”. E o Augusto perguntou: “Como você sabe que é isso?”. “Eu estava com a mão suja e neste desenho o papel está sujo”, disse a criança.

Graziela e Rosvita: É interessante perceber como você destaca o protagonismo da criança. Coloca em primeiro plano a arte como experiência...

Ana Angélica: Eu tenho milhões de fotos dos meus netos pequenos. E ontem eu estava olhando e achei uma do Lucas, acho que ele não tinha nem dois anos. E aqui tem uma história. Eu sempre tinha no meu ateliê, aqui em casa, caixas de papelão. Um dia a gente construiu um prédio. Abrimos a portinha. E aí ele punha as figurinhas. Minha nora, a mãe dele, me disse depois: “Foi aí que ele entendeu onde a gente morava. E que tinha alguém que morava embaixo

e alguém que morava em cima. E assim, ele entendeu que ele morava em um prédio”. Então, a experiência com o material é a experiência artística!

Eu tenho uma frase de uma menininha de cinco anos, que eu nunca vou esquecer, que diz assim: “Eu gosto de desenhar porque quando eu desenho meu coração bate”. Ela entendeu que o desenho conecta a cabeça com o coração. É essa possibilidade de estar se expressando e dizendo o que as palavras não dizem. Eu lembro que a Ana, minha neta, gostava muito de assistir o submarino amarelo, o desenho dos Beatles. E ela assistia, assistia, assistia. Até que um dia ela falou que ela gostava de assistir, porque... eu não sei, não vou saber a palavra certa, mas ela quis dizer que ajudava ela a não ter medo, porque eles enfrentavam os... não me lembro mais a palavra. Depois desse dia, ela não quis mais, não precisou mais assistir. Ela parou de assistir, começou a assistir outras coisas. Muitas vezes, ela acabava de assistir, ia pegar os papéis e desenhava e depois ela voltava e dizia: “Não, mas eles não estavam fazendo assim”. E voltava e consertava o que ela tinha desenhado. Esta possibilidade de falar o que as palavras não dizem a professora só vai entender se ela vivenciar isso. Então, é assim, mais do que textos, mais do que aulas, a pedagogia para a educação infantil tem que provocar vivências, experiências! Tem uma expressão, o desenho cultivado da criança, que fico pensando: tem que cultivar a criança, não o desenho, porque o desenho vai ser a expressão da experiência da criança. Você não tem que interferir no desenho, você tem que interferir na criança, você tem que proporcionar experiências que possam ser expressas em desenhos. Não interferir no desenho. Tem que interferir no desenhador, no desenhista.

Vocês sabem, como avó, colecionamos registros dos netos. Eu tenho uma sequência de fotos da Ana, acho que ela não tinha dois anos. Eu pus um rolo de papel craft no chão, abri e mostrei o lápis, o giz. Ela foi lá, olhou, olhou, olhou. Mas foi o buraco do rolo que ela gostou e ficou explorando. Então eu acho que a gente tem que olhar para onde a criança olha. Lembro dos alunos que no estágio falavam: “Ah, eu programei uma coisa e deu errado”. “Como, deu errado?”, eu questionava. “Eu queria que fizessem isso, mas eles não fizeram”. Então, continuava a perguntar: “Não deu certo? Mas a experiência aconteceu!”. Eu acho que a gente volta no mesmo ponto, quer dizer, qual a experiência que a pessoa que está com as crianças tem?

Graziela e Rosvita: Quando você fala que a gente precisa olhar para onde as crianças estão olhando, essa é uma questão decisiva: para onde nós professoras estamos olhando? Será que é para o mesmo lado que as crianças olham?

Ana Angélica: Exatamente! Eu tenho um filme que eu adoro. É um filme iraniano chamado “O silêncio”^v. Conta a história de um menininho cego e de uma menininha que vai buscá-lo, todo dia, no ponto de ônibus. Ele se orienta pelo som e ela se orienta pela imagem. Em algum momento, ela se distrai olhando as cerejas e ele vai seguindo o som de uma música. Eles estão no mercado e se perdem. Ela procura, procura, grita pelo menino, naquele mercado cheio de gente. Desnorteada, chega uma hora em que ela fecha os olhos e começa a escutar a música no meio daqueles vozerios, do mercado. Ela começa a seguir a música e acha o menino. Ela se colocou no lugar do menino, porque o menino se orientava pelo som e ele seguiu a música. Ela também, ao final. Eu gosto de usar isso como uma postura pedagógica. Quer dizer, lógico que o iraniano não sabia que ele estava fazendo filme pedagógico, mas eu adoro isso. Porque assim nos leva a pensar: Por onde o seu aluno se orienta? Qual é o sentido que o mobiliza?

E isso também na formação de professores. É preciso se colocar no lugar das alunas seja em um curso de magistério/curso Normal, seja na universidade, seja em cursos de formação continuada. Nosso papel é colocar dúvidas, colocar perguntas. Porque, assim, eu acho que temos a tendência de responder perguntas que elas não fizeram. Mas será que sabemos quais são as perguntas das alunas?

Graziela e Rosvita: Nossa, Nana, quanta história, quanta experiência, quanta reflexão você nos abre! Estamos aqui fervilhando, gravando, anotando, ouvindo e aprendendo. E então, retornamos à questão da formação: quais foram suas principais influências, que referências compõem seu pensamento artístico e educacional?

Ana Angélica: Então, vejam, isso é uma coisa interessante. Eu fui ter a primeira aula de arte no último ano do ginásio, daquela época. Foi a primeira vez que eu tive uma aula de arte no currículo. A professora era uma artista. Foi superinteressante. Agora, como é que eu sabia desde o começo que aquilo era uma coisa que eu queria? Por um livro que tinha na minha casa, de uma coleção que chamava o “Mundo da Criança”. E um volume dessa coleção era “Arte ao Alcance da Criança”. E eu lembro que esse livro me atraía. Mas eu fui a primeira vez ao MASP quando estava entrando na faculdade. Então, como é que a gente sabe que alguma coisa nos pertence, não é? Então, como você sabia que queria isso, que não queria? Como é que a gente sabe? Naqueles que não sabem, você tem que despertar a dúvida. Você tem que colocar perguntas e não dar respostas, porque eu fico pensando que eu fui dar aula numa quinta série e

na Escola Normal. Mas porque é que eu decidi fazer a faculdade de arte? Eu estava no científico e resolvi que eu precisava conhecer na prática o que eram as coisas. Então, eu pedi para fazer um estágio numa escola em São Paulo chamada “Experimental da Lapa”. Era uma escola estadual, mas que era experimental e tinha aula de artes visuais, tinha aula de expressão corporal, tinha tudo. E foi aí que eu comecei a observar, as coisas. Primeiro, porque a professora achava bonito uns desenhos que eu não achava bonito, não eram certinhos. E como é que as perguntas vão nascendo para a gente? É na vivência com as coisas. Aí, eu fui assistir uma palestra da Fanny Abramovich, que eu achei muito interessante. Mas então é isso, se a gente não provoca experiências nos alunos que desestabilizem as certezas...

Quando fui dar aulas no Curso Normal, eu tinha conhecido o Lowenfeld. Naquela época só existia o livro em espanhol. E eu achava que era supernormal que as pessoas lessem espanhol. E eu fiquei muito brava porque as alunas não liam. Mas eu percebi uma coisa anterior em mim. Eu tinha preconceito com elas. Como é que eu podia ensinar, como eu podia entrar em diálogo se eu tinha preconceito? Porque você sai com muita certeza da faculdade, com 22 anos você tem todas as certezas do mundo. Então, assim como eu era petulante, eu era preconceituosa com as alunas do magistério, porque elas reproduziam umas coisas que eu achava que não tinha nada a ver. Então, a gente nunca vai chegar no outro se a gente não se abrir para a diferença.

Graziela e Rosvita: Falando em se abrir à diferença, e pensando que a conversa precisa acabar, quais são seus projetos atuais com relação à arte e à vida criativa?

Ana Angélica: Depois que me aposentei na UNICAMP, eu criei com meus ex-orientandos um grupo de pesquisa chamado “Jardim” (Figura 1). Nós nos encontramos uma vez por mês no jardim da minha casa para ler, discutir textos, trocar e investir no nosso processo de criação. Também temos uma parceria, um diálogo, com uma universidade do Chile. Este encontro mensal já dura oito anos.

Figura 1 – Jardim “sede” do grupo de pesquisa “Jardim”



Fonte: Fotografia cedida pela entrevistada Ana Angélica Albano (2025)

Graziela e Rosvita: Um jardim! Que bonito. Inspirador. Espaço aberto, com a natureza, com encontros de ideias e criação. Na relação. O que dizer mais? Agradecer a disponibilidade à conversa e a sua contribuição para seguirmos fertilizando espaços e tempos... em jardinagens poéticas.

ⁱ Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte - da Universidade Federal Fluminense (FIAR).

ⁱⁱ Anna Marie Holm (1951-2015), artista contemporânea e arte-educadora dinamarquesa, esteve várias vezes no Brasil. Dois de seus livros traduzidos no Brasil contam com prefácio de Ana Angélica Albano: HOLM, A. M. *Fazer e pensar arte* (São Paulo: Museu de Arte Moderna); HOLM, A. M. *Baby-art: os primeiros passos com a arte* (São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2007).

ⁱⁱⁱ *Quando o Brasil era moderno*. Documentário de Fabiano Maciel. Produtoras: Ocean Films, O2 Play Docs (2025).

^{iv} Trata-se do texto “Convidei a figura para dançar”, que dialoga com a obra “Figura sentada”, de Milton Dacosta e está no livro publicado, originalmente tese, orientada por Ana Angélica Albano: OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014 (p. 36-37).

^v *O silêncio*. Direção: Mohsen Makhmalbaf (1998).